

MUNDO EM CHAMMAS!

(Para a mocidade das Escolas)

1914

Typ. BESNARD FRÈRES ☞ ☞ ☞
☞ ☞ ☞ 130, RUA DO HOSPICIO
RIO DE JANEIRO ☞ ☞ ☞ ☞

Preço : 1\$000

HERMES-FONTES

02.727
D.R.
869.91
HER
MON

MUNDO EM CHAMMAS!

(Para a mocidade das Escolas)



1914

Typ. BESNARD FRÈRES ☞ ☞ ☞
☞ ☞ ☞ 130, RUA DO HOSPICIO
RIO DE JANEIRO ☞ ☞ ☞ ☞

a Humberto de Campos,

Com a sincera admiração

de

Romeo Fontes.

A Martinho Garcez,

a Ruy Barbosa,

religionario

evangelista

de

da

Direito

Paz



ODE AURI-RUBRA



Ouro e escarlate! Fogo e sangue! E' um mundo que arde
sob a insania marcial que o subverteu.
Urge apagar o incendio... E' tarde! E' tarde!
Ouro e escarlate! Fogo e sangue! Um mundo que arde...
— Arde o Mundo Europeu.

E, em meio ao fogo, a arder, em desvario,
e tiritando de miseria e frio
— leôas ao cíó —
organismos em febre e em convulsões,
em meio ao fogo, em meio ao desvario,
nadando em sangue — caudaloso rio —
andam ganindo cinco ou seis Nações.

Sangue da Europa! Sangue universal! Matança
de tres raças historicas, illustres!
Cada qual, mais impávida, se lança
ao matadouro, ao bebedouro... Sangue! Sangue
coalhando ás varzeas e aos marnéis palustres
ou convertendo o Mar em pantanoso mangue!

E' a sangria de um mundo — a sangria européa,
aberta a valvula á opportuna ensanचा:
Borbulha em sangue ardente
o Mar da Mancha,
que, no mappa europeu, representa a trachéa,
a trachéa arterial do continente.

No Mar do Norte — larga e funda arteria-aorta
das aguas interiores — nesse mar
vae diminuindo, e, subito, se corta
a ferver, a ondular, a palpitar,
toda a circulação hydrographica interna,
virada em sangue! Sangue em coalhos! Sangue humano...
E, para o sul, na abdominal caverna
do Mar Mediterraneo, a agua enrubece — horror!
e se baptiza em sangue o proprio Oceano...
— Indigno sangue... Sangue redemptor!

7

Ouro e escarlate! Fogo e sangue! Um mundo que arde,
á lufada marcial que o subverteu:
Nem se pode apagar a chamma. E' tarde! E' tarde...
Ferve o Mundo Europeu...

*
* *

Sobre o antigo mavórcio acampamento
reinava a paz feliz da Civilização.
E, na fraternidade hypocrita dos povos,
a Europa, a lento e lento,
com augustos ideaes, para horizontes novos,
erguia, monumento a monumento,
a Belleza, a Verdade, a Justiça, a Honra, a União.

Mas deixára de parte, obumbrado, ou nevoento,
ruina, talvez, do antigo acampamento,
— o paiz do Sultão:

Pois no europeu concerto
de parcellas que, breve, se esfarão,
a Turquia era o enxerto,
a Turquia era a mancha, a Turquia, a excepção:

Toldava-a o fumo da ultima batalha.
 Enchia-a o éco dos ultimos flagellos.
 Entre a Turquia e a Eúropa — uma muralha:
 entre o Mármara e o Negro — os Dardanellos.

Emquanto a Eúropa unida progredia,
 a Turquia,
 extasiada, indolente, semi-morta,
 embriagava-se de opio e sonhava, talvez...
 Alto, e invisível, na Sublime-Porta,
 o Mundo culto lia,
 apprehensivo lembrava, e repetia:
 — MIL QUATROCENTOS E CINCOENTA E TRES.—

*
 * *

Mas havia
 de, um dia,
 agitar-se a beatifica assembléa,
 a fecunda colméa
 em que, activa, lidava e, próspera, vivia
 a Família Européa.

A Italia, a velha Herdeira
do Lácio dos serenos sonhadores
precursores,
retrogradada, descivilizada,
aventureira,
armou a frota, repoliu a espada
— revivencia da éra negregada
dos conquistadores...

Roma e Byzancio, em guerra, frente a frente...
E o Sultão
despertou do seu extase indolente,
seu regio sonho mystico e pagão,
despertou, de repente,
ao vozear da revolta e ao ladrir do canhão.

Triumphou a Italia, no mavórtico debate.
Mas, erupto o vulcão e ateadado o panico
(a Guerra attráe a Guerra...)
— a ferro e fogo! fogo e sangue! Ouro e escarlate —
o fremito apeninino estimulou a terra
para o incendio balkanico...

— Era, em torno do Sátyro Ottomano,
o bailado das nymphas redimidas:
Bailado insano,
sorvedouro de vidas,
avalanche de fogo — a ruína e o damno!...
Marcio bailado contra a tyrannia,
épica Orgia
regada a Chypre e Cós de sangue humano!

Mas, ao renascimento
desses pequenos povos insurrectos,
a Austria-Hungria,
poz-se á tocaia, á espera de um momento
— fera que despertou de entre um revoar de insectos —
marcou a caça, armou o salto e, um dia,
paroxismo violento!

Um dia...

— Lavra o incendio por todo o acampamento.

Todas as feras correm ao rebate.

O incendio e o saque! O fogo e o sangue! Ouro e escarlate.

Chammeja um mundo... E' o fim, é o apogeu.

E' um mundo que no incendio se debate...

Arde o Mundo-Europeu!

Arde a Allemanha, de furor mavórcio,
 cega, á volupia rubra da matança!
 Em consorcio
 com a Aguiá Russa, a arder, sanguisedenta,
 arde a França,
 cuspiendo sangue, ao travo de Setenta,
 prelibando as lascivias da Vingança!

E a pequenina Belgica serena
 — oasis de Educação e de Justiça —
 toda animalizada,
 corça obrigada a ser terrivel hyena,
 põe-se em defeza, afia a garra, o pêlo erriça,
 e, de entre o sangue, o fogo e a fumarada,
 encena,
 sob o heroico destino que a protege,
 o primeiro episodio da Cruzada
 na tragedia phantastica de Liège.

E a Inglaterra — titanico estaleiro
 dos modernos Vulcanos,
 Ilha que vive dentro em seu nevoeiro
 gestando, em naves, outras muitas ilhas,
 com que povôa todos os oceanos

de grandes e arrojadas maravilhas,
desfralda as velas, arma as suas naus
e, partícipe da épica hysteria,
da loucura sombria,
collabora no Cáos...

E dão-se mãos o Príncipe e o Soldado,
o Usurpador-coroado
com o Inconsciente-armado,
filhos do mesmo crime e irmãos do mesmo fim!
Cruzam as taças na sinistra Orgia
em que o Mundo moderno tripudia,
vinte milhões de herdeiros de Caim!...

*
* *

Mas, através das linguas amarellas
da fogueira cyclópica, e das guelas
escancaradas, hiantes dos canhões,
pallida, enigmatica, funerea,
anda uma espiã, alliada de Mephisto,
ronda a Miséria,
que, ás vezes, arma em forte exército imprevisto
— as Multidões.

Ao rolar dos canhões e das metralhadoras,
após lanças, fuzis e baionetas,
virão revoluções libertadoras,
despedaçando as ultimas grilhetas,
delindo provações, vinganças e iras,
rivalidades, odios contrafeitos,
as ultimas mentiras
e preconceitos...

— Pois corra o sangue, dê que a sangria depura!
Pois arda o incendio, dê que o fogo apura!
Venha a loucura,
para o final dominio da Razão!

A Historia deve aos Barbaros o advento
das novas Patrias; deve á Inquisição
o imprevisto esplendor do Pensamento...
A morte é aurora de renascimento
e é das noites que os dias surgirão...

— Que não fique a obra em meio!
Venha a ruina, afinal!
Pois, desse colectivo bombardeio,

do eclipse dessa guerra universal,
virá o inicio á Paz Definitiva,
á paz perpetua e sã
á Humanidade rediviva
de amanha!

Desapparecerá a horrivel avantesma,
pesadello das almas progressistas.
E tu, Consciencia Humana, integrada em ti mesma
para a capacidade superior
de ser livre, ser justa e soberana,
has-de emprehender as mais luminosas conquistas
pela Felicidade Humana,
pela perpetua Paz e para o mutuo Amor.



A' ALLEMANHA

Velha Allemanha, mãe dos pensadores,
de Kant e Goethe, mãe do Pensamento!
Attráes o mundo, em torno a ti, attento
aos teus erros, em vez de aos teus fulgores!

O que tens sido, e o que serás, si fôres!
Eras Minerva, e és Marte, rubro e odiento!...
Clamo-te, em nome dos teus sonhadores!
Em nome de Beethoven, te lamento!

Bem hajas! Por Luthero e Guttemberg,
amo-te, em tuas liberaes conquistas
pelo que mais te dignifica e te ergue!

Pois, urge impôres-te ás nações inermes
pelos teus sabios, pelos teus artistas
e não pelos teus Moltkes e Guilhermes...



A' RUSSIA

A Russia (colossal jaula de almas, inserta entre os Montes Uraes e paizes da Europa!) para, afinal, expiar os seus crimes, desperta e as mãos, tintas de sangue irmão, no extranho ensópa.

O corsel de Mazzepa a planicie deserta retoma, e, livre, emfim, desenfreado, galopa...
— Para ser forte, a Russia ao Pallio se acoberta e reune, numa só loucura, o povo e a tropa.

Ha-de passar o cego heroismo dos Cossácos: e os apostolos bons, de que a Russia se ufana, refortalecerão os pequenos e os fracos.

Contra o fuzil que abata ou a corda que enforque, a Justiça erguer-se-á, como na soberana visão de Dostoiwesky e de Maximo Gorky!

A' INGLATERRA

Eleita de Neptuno e de Mercurio,
vieste do Mar e vives para o Mar,
só, em teu archipelago, ao murmúrio
das ondas, sobranceira e oracular...

Ou, forja accêsa, ao chammejar purpureo,
geras, ilhas fluctuantes, um milhar
de patrias moveis: que é do teu augurio
— navegar, navegar... e navegar...

Mas, navegando, povo inglez, expandes
a tua força, nas regiões alheias
e pões teu marco em cada espaço vão...

— John-Bull, de pernas curtas e unhas grandes!
Navegas... commercias... trapaccias...

— Deus do Mar! Deus do Cambio e da Ambição!

A' FRANÇA

França, jardim do Sonho e da Belleza,
berço da Liberdade, altar do Mundo!
Ao teu influxo magico e fecundo,
maravilha-se a Terra, mal surprêsa!

O Homem-Livre communga em ti, segundo
tua lição no Ideal, radiosa, accêsa:
Que has-de cantar a nova Marselheza
no Velho Continente, moribundo...

Não arderás no Incendio: ha-de — ir buscar-te
e ha-de glorificar-te o Mundo inteiro,
França, estufa do Amor e ninho da Arte!

Pois sobre o Mundo, com teu Genio, vélas,
abastecendo o universal celeiro
de Idéas grandes e Mulheres bellas!...

